

# Navegando pelos mananciais culturais e tradicionais do Brasil

SAILING FOR CULTURAL AND TRADITIONAL WATERSHEDS OF BRAZIL

Erika de Almeida\*

## RESUMO

Este ensaio é um relato do caminho vivido sob a perspectiva da prática da Residência Social, os múltiplos caminhos percorridos desde o planejamento até a experiência, das mudanças de planos a sua real execução, do sonho a realidade, enfatizando o percurso trilhado, os desafios ultrapassados e as conquistas empreendidas. Em tal experiência, percorri os caminhos de Canavieiras, na Bahia, para Brasília, depois para o Parque Nacional do Xingu – Aldeia Kamaiurá, em seguida Maranhão, até voltar para Canavieiras. Dos projetos iniciais até a concretude das múltiplas vivências que foram se desenhando enquanto perspectiva de Residência Social. Entendendo a Residência Social como uma proposta de sairmos de nosso cotidiano, de nosso centro e podermos conhecer novas possibilidades e experiências que possam nos influenciar em nossa prática profissional e pessoal, na formação do gestor social.

Palavras - chave: desafios, comunidades tradicionais e diversidade

## ABSTRACT

This paper presents and discusses the practical Residência Social experience, focusing on its lived deeply multiple paths: planning, changes in its effective implementation, the transition from dream to reality, highlighting the route traveled, the challenges faced and achievements undertaken. In this experience, I traveled paths Canavieiras in Bahia to Brasília and then to the Xingu National Park - Village Kamaiurá then Maranhão, before returning to Canavieiras. From early plans to the concreteness of the multiple experiences that were shaping up as the prospect of Social Housing. Understanding the Residência Social as a proposal to get out of our daily lives, from our center, I believe we will be able to meet new opportunities and experiences that may influence us in our professional and personal practice as part of the training in social management.

Keywords: challenges, traditional communities and diversity.

---

\*ERIKA DE ALMEIDA - Mestranda em Gestão Social e Desenvolvimento Territorial pela UFBA\CIAGS. Oceanóloga e Coordenadora de Educação Ambiental do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, com experiência em atuação com comunidades e conservação da zona costeira marinha.

## CONTEXTUALIZANDO OS CAMINHOS POSSÍVEIS

Desde quando foquei minha proposta de projeto-dissertação nas questões de integração de saberes no processo de gestão socioambiental de *Reservas Extrativistas*<sup>1</sup> com a arte e cultura, que comecei a sonhar locais possíveis para a vivência da Residência Social (RS). Nesse movimento de pensar sobre esses caminhos que recebi, no dia 19 de novembro de 2009, um e-mail da equipe do CIAGS sobre a possibilidade de bolsas para um curso na área de conservação socioambiental na universidade de Berkeley na Califórnia, em julho de 2010. Na hora pensei: “*que sintonia, é para lá que eu vou*”. Nesse mesmo momento, já respondi o e-mail tentando saber mais informações sobre como proceder.

A partir desse sinal comecei a construir esse cenário de compatibilizar a realização de um curso na minha área profissional que poderia enriquecer muito minhas experiências com a RS. Aprontei a documentação necessária, cartas de intenção, currículo, cartas de recomendação da instituição que atuo e da universidade até o dia limite que foi 15 de dezembro. Foi uma grande correria e um alívio quando mandei, tudo sincronizado, conspirando a meu favor. Estava certa que esse seria o caminho.

Quando em 26 de fevereiro de 2010 veio a confirmação da seleção e da possibilidade de me apoiarem com uma bolsa, foi um retorno que no fundo já sabia que daria certo, foi só eu fazer o que deveria ser feito. Continuei a dar sinal positivo da minha participação e meu comprometimento em participar dessa formação. E assim foi.

Ao mesmo tempo estava sendo mãe pela primeira vez, em fevereiro meu filho Iriê estava com 7 meses, ainda em fase de amamentação, fazendo o mestrado e trabalhando intensamente na coordenação de Educação Ambiental do Parque Nacional Marinho dos Abrolhos. Com relação ao trabalho tive um apoio do gestor da unidade que me concedeu toda a documentação necessária para participar do processo seletivo e no campo familiar meu companheiro e minha família me dando o apoio necessário para vivenciar essa experiência.

No meio desse turbilhão ainda estava cumprindo as disciplinas obrigatórias do mestrado, morando na cidade de Caravelas, cerca de 800 km de Salvador e participando presencialmente para cumprir com as demandas exigidas pelo mestrado.

Confesso que quando pensava em ter que deixar meu filho por 3 semanas, período de duração do curso, me dava um aperto no coração e ficava pensando se iria conseguir. Foi então que em maio de 2010, em Salvador, fazendo as trilhas do mestrado, fui consultar com a pediatra de meu filho que me abalou

---

1 Reservas Extrativistas – são unidades de conservação de uso sustentável definidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC – Lei n 9985, 18 de julho de 2000; decreto n 4340, de 22 de agosto de 2002. 5. Ed. Aum. Brasília: MMA/SBF 2004.56 p.

profundamente. Ela me disse que precisava pensar na minha decisão de deixá-lo e me orientou na possibilidade de tentar incluí-lo na viagem. Sai com essa questão martelando a cabeça e não conseguia parar de pensar em uma solução. Escrevi para o pessoal do curso sobre a possibilidade de levá-lo que não foi bem quista pela equipe responsável, pois o curso teria muitas saídas de campo para conhecer outras experiências e seria importante que eu me concentrasse, alertaram que com meu filho lá eu poderia ficar dispersa.

Nesse momento tive vontade de chorar, uma dor no peito me invadiu e pensei que não daria certo a minha ida. A sensação de ter se esforçado, conseguido até certo ponto e pensar em abrir mão do conquistado foi algo que ainda não havia passado. Esse processo de escolha durou uma semana, pensando, repensando, avaliando, pesando os prós e contras. Pesava entre minha maternidade e vontade de ficar com meu filho e não desapegar nesse momento importante para ele e ao mesmo tempo a experiência profissional.

Lembro bem que foi em uma conversa com minha orientadora Suzana Moura que me disse *Que bom quando temos a possibilidade de escolher, faça sua escolha e siga em frente, será que essa era realmente a melhor opção para você no momento*. Essas palavras além de confortantes me fizeram conectar com uma força interna que eu sabia que podia me guiar, mas que no momento da confusão turvou minha mente.

Esse foi meu primeiro forte aprendizado no processo de planejamento da RS:

*Vencer o medo do não dar certo, focar a mente no campo de possibilidades e no poder da escolha.*

Foi impressionante para mim, como mudei de frequência com a mudança de pensamento, a sensação foi de uma luz clareando meu caminho. Desse momento em diante comecei a pensar em novas possibilidades, locais possíveis, mandar e-mails para amigos, pesquisar na internet, estava vislumbrando um caminho pela América Latina.

Desenhei possibilidades no Equador, Peru, Bolívia, Chile e Colômbia. Minha intenção era conhecer instituições, experiências que envolvesse comunidades tradicionais e conservação ambiental, ou também experiências de organizações sociais que atuavam na luta pelo território.

Nesse momento muitos caminhos se abriram e novas escolhas e focos deveriam ser feitas. Minhas conexões foram intensas na Colômbia, com um amigo Oscar Zunita que trabalha com movimentos de luta pela terra e estava fazendo mestrado em desenvolvimento e meio ambiente e buscando uma possibilidade de intercâmbio com o Brasil, com a Universidade Federal de Pernambuco. Ele me indicou alguns caminhos possíveis na Colômbia e me ajudando a ver a logística de ir com a família. Nesse meio tempo, me conectei com uma pessoa no

Equador que se disponibilizaria em nos receber por lá, mas ressaltou que estava com problemas de saúde na família e que não poderia nos dar toda atenção necessária. Todas as conexões que eu fiz me perguntaram o que eu poderia estar compartilhando com eles e eu nesse momento dizia sobre o trabalho que desenvolvo e sobre a possibilidade de fazermos uma oficina do Teatro do Oprimido<sup>2</sup>.

Nesse vai e vem, meu tempo físico estava passando e precisava fechar uma proposta para me organizar com a família e no trabalho. Providenciei os documentos necessários para a viagem, como passaporte e atestado de vacinas atualizados, fiz as cotações das passagens para o Equador e para a Colômbia e percebi que para incluir a família, ficaria além das minhas possibilidades no momento. Isso já era junho e estava tentando articular minha saída para o período de julho. Outro aprendizado importante nesse momento foi de planejar a viagem fora do período de temporada de férias e comprar com antecedência, mas não foi possível devido aos imprevistos da organização da RS.

Foi mais um momento de crise durante o planejamento da RS que quando parecia que iria dar certo, mudava tudo de rumo outra vez. Mas uma vez consultei minha orientadora para me aconselhar a vislumbrar outros cenários. Ela já havia me dito uma vez se não seria melhor tentar algo no Brasil, visto que aqui poderia ter também uma riqueza de experiências. Pensava que poderia juntar a necessidade dessa saída pela RS com a oportunidade de conhecer outros pais, instituição e comunidade que pudesse colaborar com meu processo.

Acabei dando o braço a torcer e me conectando as minhas redes socioambientais para vislumbrar outros caminhos nacionais de mais fácil acesso. E como passe de mágica construí outro caminho, muito mais coerente com meu propósito da dissertação-projeto. Nessa nova trilha iríamos de carro, com toda a família, em um percurso que sairia de Caravelas final de junho rumo a Resex de Canavieiras, onde teria um encontro para a formação da Rede de Mulheres Pescadoras do Sul da Bahia<sup>3</sup>. Depois seguiria para Brasília, buscando me conectar com o Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio) buscando entender como essa nova instituição estava se organizando para a gestão das Resex. De lá seguiríamos para o Ceará visitar uma comunidade, também uma Reserva Extrativista Marinha que tem um histórico de luta e conflitos na questão da manutenção do seu território tradicional. Lá faria uma oficina do Teatro do Oprimido ficando na comunidade por uns 15 dias. A viagem terminaria no final de julho no Maranhão onde estava sendo organizado o I Festival de Manguezais do Brasil, que reuniria povos do mar e do mangue, comunitários das Reservas Extrativistas de todo Brasil.

No momento em que fechei essa proposta me deu um alívio e uma sensação que por esse caminho os bons ventos iriam soprar. E foi margeando esse caminho

---

2 Teatro do oprimido é uma técnica teatral criada por Augusto Boal, na dec. de 60, que buscava uma forma de democratizar o teatro e coloca-lo a serviço do povo.

3 Resex que tem sido uma referência em organização comunitária e empoderamento dos extrativistas no processo de gestão do seu território.

que minha RS aconteceu, com surpresas importante no trajeto, presentes e mais mudanças de planos. Nesse meio tempo fui percebendo a importância da persistência, qualidade essa que tenho me inspirado muito nas comunidades que tenho convivido, persistir e não desistir.

Me senti durante o processo da Residência Social como viajando ao sabor da maré, tendo que me adaptar a forças que estavam além do meu controle, só esse fazer e desfazer, construir e destruir, replanejamento constante foram aprendizados importantes que hoje depois que vivenciei consigo encarar como fortalecimento, trabalho de persistência e desapego para não querer manter o controle das forças que eram além das minhas possibilidades.

### **A CONSTRUÇÃO DA VIAGEM AO VIAJAR**

No meio de tantos planos construídos e modificados, fiquei com uma sensação inquietante de que precisava começar e que partir disso o caminho se abriria na minha frente. Foi então que o primeiro roteiro começou a sair do papel, do mundo das idéias e tomar forma.

No dia 26 de junho saímos de Caravelas de carro, rumo a Canavieiras, eu ,meu filho Iriê, meu companheiro Berg Firmino e Jaco Galdino um amigo que iria filmar o evento. Estávamos indo para o Encontro da Rede de Mulheres Pescadoras do Sul da Bahia, que aconteceu entre os dias 25 a 27 de junho de 2010, em Canavieiras.

Resolvemos pegar um atalho pela estrada de chão que nos atrasou a chegada ao encontro, mas que foi um momento de muita contemplação do ambiente rural do sul da Bahia, fazendo a transição da viagem um constante aprendizado.

Havia sido convidada por Carlinhos da comunidade de Atalaia da Resex de Canavieiras e quando chegamos ajudei o pessoal da organização nos trabalhos em grupo e participando das palestras sobre as questões da mulher da pesca.

Foi um encontro importante para mim que aprendi mais sobre o papel da mulher na pesca, suas lutas e também seus direitos. Sai de lá fortalecida enquanto mulher e articulada com o grupo em Canavieiras para fortalecer o movimento das pescadoras e marisqueiras em Caravelas.

Nesse momento fiz contato com a Daniela Alarcon da Secretaria de Políticas para as Mulheres, palestrante que trouxe contribuições importantes dos avanços e conquistas da inserção das políticas públicas para mulheres a partir da criação da Secretaria. Ela participa do Comitê das Populações Tradicionais e tem buscado pautar as questões de gênero nesse âmbito.

Dia 28 embarquei com Iriê rumo a Brasília, onde entraria em contato com Iaci Szajnwald (Iaiá), funcionária do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade<sup>4</sup> que também estava desenvolvendo um trabalho que envolvia gestão socioambiental de unidades de conservação e as metodologias do Teatro do Oprimido (TO).

Encontrei-me com Iaiá na sede do ICMBio. Conversamos sobre o contexto de sua experiência de incluir as metodologias do TO no processo de gestão e de formação de conselheiros de unidades de conservação, os desafios, os aprendizados. Trocamos materiais e ela me apresentou para a sua equipe e sua coordenação. A partir desse encontro estive em outro momento por lá para pegar mais material com ela, através de conversas com a coordenação, tentar compreender mais sobre o processo de gestão do ICMBio.

O ICMBio estava recém formatando sua proposta de trabalhar por macroprocessos, onde através de temas centrais permeava todas as categorias de unidades de conservação. Tentei entender mais sobre essa dinâmica e como o tema das Reservas Extrativistas permeava os diferentes macroprocessos. Senti que era um momento de transição que os funcionários ainda estavam se adaptando não tendo muitas respostas as questões levantadas.

Nesse mesmo tempo, estava com data marcada para seguir para Salvador dia 10 de julho. De lá meu companheiro pegaria eu e meu filho Iriê no aeroporto de Salvador e de lá seguiríamos para o Ceará na Prainha do Canto Verde, uma Reserva Extrativista que foi decretada em 2009, junto com Resex do Cassurubá, extremo sul da Bahia.

Desde que cheguei em Brasília fiquei tentando contato com o Beto pescador, com quem havia fechado a programação de ir para sua comunidade e trocar experiências. Antes de sair de viagem, ainda em Caravelas, estávamos em continuo contato e desde quando cheguei em Brasília não conseguia mais seu retorno. Tentava ligar, mandava e-mails, ligava para pessoas que poderiam me dar notícias e me respondiam ele deve estar pescando ou em viagem.

Acabei ficando meio apreensiva em seguir viagem sem ter o seu retorno. Minha passagem já estava marcada e tudo bem organizado. Foi outro momento de crise, pois ficava pensando o que estava travando seguir nessa direção, porque não estava fluindo, será que era para eu não ir.

Nesse momento tive uma conversa com minha orientadora que mais uma vez me ajudou nessa difícil tarefa de escolher, me sugerindo ficar em Brasília e aproveitar a proximidade com o ICMBio para fazer meu aprofundamento das

4 O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é uma autarquia, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, integrando o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). Foi criado pela lei 11.516, de 28 de agosto de 2007. É responsável pela administração das unidades de conservação federais além de fomentar e executar programas de pesquisa, proteção e conservação da biodiversidade em todo o Brasil. Surgiu de um desmembramento do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), anteriormente responsável por tais atribuições.

pesquisas da dissertação e ver a possibilidade com eles dessa relação com a residência social. Eu não via perspectivas nisso, achava pouco e queria mais, no fundo queria vivenciar uma aventura, algo me inspirasse para escrever, para atuar e para ressignificar meu caminho profissional e ficar em Brasília para mim seria como ficar em casa depois de um tempo, visto que é a minha cidade natal e onde minha família reside.

Na dura tarefa de cancelar e mudar de planos, além de todos a minha volta vivenciarem isso comigo, decidi não ir para o Ceará e tentar sentir para onde os ventos mais uma vez me indicariam mudar de rumo.

Enquanto isso, tentei aproveitar as dicas de lá sobre a agenda socioambiental da cidade que me incentivou a participar do I Fórum de Biodiversidade das Américas e I Seminário da Biodiversidade do Mercosul.

Participei do Fórum que aconteceu entre os dias 5 a 9 de julho com o objetivo de estimular o intercâmbio de experiências, valorizar e difundir ações de sustentabilidade, aproximar culturas tradicionais dos povos americanos, difundir tecnologias ambientais, sociais, novos processos agro-ecológicos, promover articulações políticas e unir forças para apontar soluções emergenciais destinadas à preservação dos biomas e o resgate de ecossistemas ameaçados.

Nesse encontro fiz importantes contatos e pude conhecer um pouco mais sobre outras experiências e projetos sobre a biodiversidade. No painel de abertura, contando com representantes do Parlamento do Mercosul, teve uma importante discussão sobre a consolidação do bloco econômico para viabilizar, dentro da política internacional, soluções concretas e disposição de recursos para a biodiversidade.

## **O INESPERADO**

A partir de toda essa mudança de programação, resolvi ficar uns dias sem pensar como daria continuidade a minha experiência na Residência Social.

Tentei movimentar minha rede de contatos na cidade, saber de reuniões, encontros. Participei de um ato da SOS Mata Atlântica em frente ao Congresso de enterro do Código Florestal, um ato simbólico para despertar e sensibilizar a população e os parlamentares sobre as mudanças e reformas no código que viriam *matar* as conquistas dos movimentos socioambientais no Brasil.

Vivia uma inquietação interna de não saber mais para onde ir e sabendo que o tempo que tinha disponível não daria mais para viajar. Tentei nesse tempo me concentrar na dissertação, terminar demandas do trabalho.

Estava na casa de minha mãe que participa do Coro Sinfônico da UNB. Na semana do dia 12 de julho minha mãe chega em casa me falando que havia sido convidada para ir para uma aldeia no XINGU e que ela estava super a fim de ir. Nesse momento meu coração bateu forte e senti uma possibilidade de fazer essa viagem.

A partir desse momento fiquei tentando organizar as possibilidades, minha ida com meu filho, como seria, o que faríamos. Fui saber mais informações do que consistia essa viagem, para onde, quem iria e todos os detalhes.

Fiquei super empolgada com a possibilidade dessa vivência que há muito tempo queria ter e não esperava que fosse nesse momento. Apareceu como um presente trazendo outra motivação, mais uma vez senti que era o caminho, só que dessa vez meu coração bateu mais forte. Ao mesmo tempo tinha que pensar nas possibilidades de ir com meu filho e o que isso implicaria, além das datas previstas da viagem para a primeira quinzena de agosto, visto que deveria voltar ao trabalho nesse mesmo mês, quando o projeto que atuava deveria ser renovado.

Essa viagem estava sendo organizada por uma professora aposentada da UNB, Elana que há 16 anos fazia essa viagem para o Xingu, na aldeia dos Kamaiurás, levando diversos grupos. Trabalhou muito tempo com eles, mas atualmente tinha um contato de forte amizade e parceria.

Marcamos uma reunião com o grupo interessado em ir, onde Elana nos colocou todas as condições da viagem, desafios, limitações. A primeira coisa que ela me falou foi que nunca levou uma criança, mas que se eu tivesse coragem para ela não teria problema. Falou do transporte, da alimentação, do que deveríamos levar, nosso comportamento, algumas regras da aldeia e da nossa programação em vivenciar o Kuarup<sup>5</sup> na aldeia dos Kalapalos.

Sai de lá com a certeza de que seria uma experiência fantástica e inovadora. Estava em um momento buscando ter contatos com as comunidades costeiras e teria uma oportunidade única de conhecer um pouco mais das raízes dos povos primeiros do nosso país.

## **UM MERGULHO INTERIOR**

A produção da viagem foi intensa e no dia 05 de agosto saímos um grupo de 8 pessoas e 3 crianças, dentre elas meu filho Iriê que havia completado um ano, de Brasília, de ônibus rumo a cidade de Canarana, no MT, de onde pegaríamos outros transportes para chegar até a aldeia dos Kamaiurás.

5 Ritual de passagem entre os Índios Xinguanos

A cidade ocupada por migrantes do Rio Grande do Sul que foram para lá com o desenvolvimento do agrobusiness da plantação de soja. Dormimos em Canarana e no dia seguinte já havíamos articulado o transporte para nosso deslocamento até as margens do rio Kuluene, afluente do Xingu, o qual estariam nos esperando para o deslocamento até a aldeia.

Fomos em duas caminhonetes para levar toda nossa bagagem e também nossa equipe, poucos dentro da cabine e a maioria atrás na carroceria. Percorremos mais de 450 km de estrada de chão batido, com muita poeira e muito sol. Levamos cerca de 10 horas de viagem até chegar as margens do rio, onde havia alguns indígenas nos aguardando para subirmos o rio.

Depois de muitas emoções, muito cansaço físico, sol, poeira, chegamos de tarde no rio e já estava começando o horário dos mosquitos. Tentamos fazer o traslado o mais rápido possível para não sofreremos muito. Os índios nos disseram para ficar um grupo que outra voadeira estava vindo. Elana marinheira de muitas viagens, deu um jeito e fomos todos no mesmo barco, nós e nossas coisas que não eram poucas.



**Fotos 1 e 2: nosso deslocamento terrestre e aquático até chegar na aldeia.**

Era noite sem lua, e aos poucos o céu ia escurecendo, não víamos nada, começava a esfriar, depois do sol quente, um frio, sentindo na pele as variações do clima na época da seca no cerrado. Foram quase 4 horas de barco. Toda vez perguntávamos ao barqueiros se estava chegando e ele dizia na próxima curva, e assim passamos por muitas curvas. O céu muito estrelado, um silêncio no grupo, cada qual sentindo, vivenciando a passagem do mundo da cidade e aos poucos adentrando em outro mundo que até então estava só no imaginário.

A chegada foi fantástica, era pura alegria, muitas crianças nos recepcionando, pegando nossas mochilas e nos ajudando a descer. Chegamos as margens do Posto Leonardo e ainda não havíamos chegado em nosso destino final. Nossas coisas foram de trator e nossa equipe de Toyota. Ainda demoramos mais uma hora e meia para chegar à aldeia dos Kamaiurás.

A chegada na aldeia foi inesquecível, parecia um sonho, estava em êxtase, além de muito cansada da viagem. Fomos muito bem recebidos pelo cacique da

aldeia Kotoki e sua família, nos alojamos em uma oca especial para os visitantes. Montamos nossas barracas, nossas redes e fomos nos organizar para dormir.

Acordar na aldeia outra surpresa, estávamos bem na frente de uma linda lagoa chamada IPAVU, aonde toda a aldeia vai se banhar bem cedo como ritual cotidiano. Cada família tem um lugar no rio. Um frio pela manhã, tomam banho e depois voltam e se aquecem no fogo.

Depois de muito tempo nessa jornada de empreender a RS estava satisfeita em estar naquele lugar. Pensava que não poderia ter tido presente mais especial, poder vivenciar integralmente conhecendo o cotidiano, a cultura e a ciência do povo Kamaiurá.

Longe de entender todas as suas magias e encantos, tentei me abrir sem pré-conceitos aprender com o diferente e assim conhecer mais sobre as raízes de nosso povo brasileiro.

Estava emocionada, sentia uma vibração tão intensa, uma sensação de liberdade de integração, uma sintonia, estava tranqüila e em paz.



Fotos 3 e 4: Integração do grupo, pinturas e visitas as famílias.

Foram 15 dias de muitos aprendizados, cada dia fazíamos um roteiro diferente, conhecer a roça, brincar com as crianças, conhecer a escola, o posto de saúde, as casas das famílias, os rituais diários e assim aos poucos fomos conhecendo de cada um que se aproximava e buscava interagir.

Tanta beleza, tanta simplicidade, momentos de muita reflexão e muita conexão. Teve um momento interessante que adorei chamado dia do Moitará (Troca em Kamaiurá) logo depois que chegamos. Elana havia nos recomendado de levar objetos para trocar, visto que eles adoravam.

Nós montamos nossa exposição do que queríamos trocar e, aos poucos foram chegando, em sua maioria mulheres, pegavam o que queriam e depois voltavam com algum artesanato em troca, colares belíssimos, pulseiras, enfim suas produções artesanais.



Fotos 5 e 6: Dia do Moitará- Feira de Trocas



Fotos 7 e 8: Preparação do principal alimento a base da mandioca: o Beiju

As mulheres cuidam da roça, colhem a mandioca descascam e ralam para fazer o polvilho que depois será utilizado na preparação do beiju. Existem papéis bem definidos das mulheres e dos homens. As crianças acompanham os trabalhos e no processo de imitação vão incorporando sua cultura.

A aldeia tem as casas distribuídas ao redor de um pátio circular. Cada casa tem um dono, o líder de um grupo de parentes, que organiza e coordena as atividades diárias. Ele não dá ordens, mas espera que todos sigam seu exemplo: roças grandes e bem cuidadas, e disposição para pescar. Ele se esforça para que sua casa seja farta, pacífica e assim consiga atrair outros parentes ou agregados, pois um elevado número de moradores aumenta seu prestígio junto aos demais chefes domiciliares (JUNQUEIRA, 2004).



Fotos 9 e 10: universo infantil – simplicidade das brincadeiras

Também participamos das brincadeiras das crianças, trocando informações sobre formas de brincar, tudo na prática. As crianças falam bem pouco português, são muito curiosas e estavam o tempo todo conosco. Os professores contaram que tem os professores dos adultos que vem de Canarana, mas as crianças só o povo deles dava aula em sua língua.

Eu estava muito curiosa para saber como as mães cuidavam de seus filhos, sobre o parto, os rituais, os cuidados a alimentação. Também sobre as construções, as plantações, os desafios do grupo, as relações com as outras aldeias, o engajamento na campanha contra a usina hidrelétrica de Belo Monte e suas lutas.

Nesses 15 dias, vivemos o ritual de preparação de toda aldeia para a festa intertribal do Kuarup que é um ritual de passagem, onde os mortos daquele ano são homenageados e onde é feito a transição. Momento onde a família pode ter o último contato com o espírito da pessoa falecida, depois ele vai para o mundo dos espíritos. É nessa festa que acontece também a luta chamada *huka-huka*, onde os anfitriões devem lutar com todas as aldeias.

Os homens seguem se preparando ao longo dos dias para o ritual, preparando seus adornos, treinando com os companheiros, além de outros procedimentos para trazer maior vitalidade para os lutadores. Fiquei encantada com a transformação e a aproximação do dia da festa, a beleza e a estética. Os rituais de pintura corporal.

Acompanhamos o deslocamento do pessoal da aldeia dos Kamaiurá para o Kuarup nos Kalapalo. Foram mulheres, crianças, homens, anciãos, em uma viagem que envolveu mais de 4 horas de caminhada. Eu como estava com o Iriê ainda bebê, consegui uma carona de avião com uma equipe de produção que estava indo gravar o ritual.

Consegui pegar a chegada de várias etnias na aldeia anfitriã da festa que é a responsável por prover toda a alimentação dos convidados. Cada etnia chega com muito respeito na terra de outro povo e vai logo montando acampamento. É tudo muito rápido, um grande mutirão e logo como um passe de mágica as redes estão montadas, o fogo aceso. Se preparando para na primeira hora da noite todos se apresentarem no centro da aldeia.

Tudo muito sincronizado, cada um sabe o que fazer, os papéis sociais, os momentos certos, as posturas, as regras. O que me chamou atenção é que não tem nada escrito e todos sabem o que fazer. Não tem ninguém mandando, mas tem as lideranças que estão presentes, as hierarquias, a simbologia, o respeito.

A nossa entrada na aldeia nessa noite do Kuarup nos Kalapalo foi incrível, me senti conectada, entramos com eles, cantando e dançando, me senti integrada. Todos se apresentaram e voltaram para o acampamento, o qual ninguém dormiu, aliás só nos os visitantes guiados e cuidados por eles, que passaram a noite alimentando o fogo, nos aquecendo na noite fria dentro da mata.

Ao amanhecer a preparação para a luta, retoques nas pinturas, momentos de

concentração. Foi emocionante viver tudo isso. Ao longo dos dias de convivência fomos conhecendo um pouquinho de cada pessoa na aldeia que tivemos contato. A viagem fortaleceu os laços e nos fez compreender um pouco mais do universo encantado, dos ritmos, das regras.



**Fotos 11 e 12: Momento de preparação antes da luta e tronco do Kuarup que representa a pessoa homenageada no ritual.**

O povo Kamaiurá é do tronco Tupi que saíram da região costeira brasileira e migraram forçadamente como refúgio, para não serem extintos, para o interior ocupando as terras do Xingu. Falar do mar era como se eles se conectassem a história do seu povo.

Fizemos contatos com a professora da aldeia que vinha de Canarana e estava morando na aldeia, bem como com os professores indígenas. Eles tinham curiosidade sobre nossa vida e nesse sentido havia levado um material sobre Abrolhos, sobre a região que atuava. Tentando construir possibilidades de intercâmbio, da ida de um grupo para Caravelas para conhecerem um pouco da cultura do povo ribeirinho, do povo do mangue.

Os aprendizados foram diversos, intensos e profundos. Cada detalhe e momento vivido me marcaram profundamente, outro povo, outra cultura, outra língua. Era como se estivesse em território estrangeiro, em outro país, em outra época da história. Ao mesmo tempo fascinada com a coexistência de outros mundos, de outras formas possíveis de existência que transitaram pelo curso da história, mostrando que diferentes formas são possíveis, que não existe um caminho. Me conectei na ampliação do presente de Boaventura Souza Santos

Para mim um grande desafio, além de em envolver nessa experiência, levar meu filho. Estar com ele me possibilitou outro trânsito com as mulheres, parece que havia uma cumplicidade no ato de ser mãe, que apesar de sermos diferente nos igualava nessa condição materna.

Percebi mais sobre a diversidade, sentindo com todo o corpo e alma. Vivenciei o tempo de forma sagrada e com outra sintonia, exercitei minha paciência, me encontrei mais comigo e com o outro, o universo do diverso.

### O RETORNO AO MAR

Como fiz referência no começo desse diário de bordo, minha intenção no segundo planejamento era terminar minha RS no I Festival de Manguezais, no Maranhão que agregaria diferentes povos da zona costeira brasileira. Assim foi, o festival foi transferido de julho para novembro e como estava no roteiro fiz o fechamento do meu processo de Residência Social no Maranhão.

Na semana dos dias 22 a 27 de novembro, se reuniram na cidade de São Luis, gestores e extrativistas das Resex e RDS da costa brasileira que abrangem áreas de manguezais. Foi um importante encontro dos Povos do Mangue e da Maré que se reuniram para construir cenários futuros de integração, cobrar políticas de apoio ao segmento, partilhar suas culturas e saberes, bem como discutir sobre as políticas de gestão dessas unidades.

A delegação da Resex do Cassurubá, a qual eu fui representando foi com 11 pessoa, envolvendo extrativistas, movimentos culturais e de educomunicação popular, para participarem do encontro, bem como participar das apresentações culturais com o grupo das Nagôs e Marujada de Cosme Damião.



Fotos 13 e 14: grupos culturais e suas intervenções ao longo do encontro

Nesse encontro além dos contatos, trocas de experiências com os grupos, articulação entre os extrativistas, pude mais uma vez durante a RS celebrar a riqueza a diversidade cultural brasileira, aprendendo mais com as comunidades sobre as formas de organização, mobilização e regada por muita cultura popular.

Particpei de uma mesa redonda intitulada Comunidades Tradicionais e os Ecossistemas Manguezais, falando da experiência de articulação da Rede Mangue Mar Brasil, a qual fui secretária e junto com companheiros e companheiras fizemos uma reflexão sobre as experiências de cada um e seus aprendizados nessa trajetória, convidando o grupo a se unir para se fortalecer.



Foto15 e 16: Mesa Redonda com o tema *Comunidades Tradicionais e os Ecossistemas Manguezais*

Também fizemos um dia de intercâmbio com a comunidade do Taim que está aguardando a criação do decreto que regulamenta o seu território como Reserva Extrativista.



Fotos 17 e 18: extrativistas na gincana de pegar caranguejo, se embrenhando na lama do manguezal.

Nesse dia houve um momento de encontro entre os grupos culturais, valorização da culinária das comunidades. Foi forte perceber os encantos da cultura do mangue e como as manifestações populares estão imersas e vivas nas comunidades enquanto linguagem ética e estética.

### **ANCORANDO NO MEU PORTO – A VOLTA PARA CASA**

Como comentei durante essa memória, na medida em que me dispus a vivenciar o distanciamento da minha prática social, embarcando para novos territórios, almejando vivenciar novas experiências que pudesse ampliar olhares, despertar campos possibilidades e sobretudo me fizessem refletir teria cumprido com meu objetivo.

Chamei de processo em Residência Social pois foi uma longa trajetória com muitas mudanças envolvidas, com desafios de operacionalidade, logística, com crises, revoltas, momentos de desespero, de dúvida, de medo de não dar certo e como muita persistência e envolvimento busquei envolver as possibilidades que transpassaram meu caminho como experiência de RS.

Percorri essa longa trajetória saindo de Caravelas na Bahia, indo para Canavieiras ainda na Bahia, cruzando o cerrado, chegando em Brasília, me embrenhando do Parque do Xingu e depois de um tempo subindo para o Maranhão. Fiz o ciclo do mar para o interior e retornando para a zona costeira, onde atuo profissionalmente e que descobri que foi o caminho inverso que fiz na minha vida. Nasci no interior em Brasília e fui encontrar com o mar.

Essa viagem foi uma auto descoberta, de mim, do meu povo, do meu Brasil, fui beber nas fontes de saberes e fazeres dos povos primeiros aos povos do mangue e do mar. Retornei fortalecida, mais perseverante, flexível, confiante, pronta para novos desafios e com novas competências para atuar na gestão socioambiental.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram e possibilitaram esses aprendizados!

## **REFERÊNCIAS**

JUNQUEIRA, C. Pajés e feiticeiros. Estudos Avançados 18 (52), 2004. P 301

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)- lei n.9.985 de 18/07/2000 e decreto n. 4340/2002 5 ed. aum. Brasília: MMA\SBF, 2004. 56p.